

# TRABALHANDO IDENTIDADE: POR QUE TEMOS SOBRENOMES?

Eixo: Práticas para Educação Especial

CESCATO, Gislene de Cássia<sup>1</sup>  
DAVID, Mônica Cristiane<sup>2</sup>  
MACIEL, Jennifer K.R.M<sup>3</sup>  
RAMOS, Francielly Nunes da Silva<sup>4</sup>  
BORGES, Vanusa Emilia<sup>5</sup>

A prática pedagógica para educandos da Educação de Jovens e Adultos – EJA - com inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, considera as recomendações feitas no documento Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007), pontuando que

na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

Portanto, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva também expõe que toda a criança, adolescente e adulto devem ser subsidiados no âmbito educacional, conforme suas necessidades. Magalhães (2011) reforça esse preceito ao explanar que

(...) não é o aluno quem deve se moldar totalmente às demandas escolares, ou seja, o problema não está centrado na pessoa que tem necessidades específicas, mas nas interações que estabelece com as condições de ensino-aprendizagem que a escola possibilita. Portanto, a escola deve pensar sua organização curricular de modo a propiciar a este aluno condições adequadas. (MAGALHÃES, 2011, p.21)

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade OPET; Analista de sistemas atuando em empresa privada do ramo bancário; Bacharel em Administração pela UFPR.

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico e em EaD, Professora de Graduação e Pós -Graduação das Faculdades OPET, FAEL, Supervisora de Estágio na Faculdade Opet e Orientadora de TCC.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade OPET; professora da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade OPET; professora da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

<sup>5</sup> Mestre em Educação, Pedagoga. Tutora presencial do curso de licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Opet.

Neste sentido a sala de aula, o currículo pedagógico e o professor da Educação de Jovens e Adultos –EJA- devem estar imbricados para atender alunos de inclusão. Trabalhar com a realidade na qual estão inseridos e o contexto vigente desperta mais o interesse destes alunos, em querer aprender. Portanto, o professor deve utilizar métodos, recursos didáticos e tecnológicos que permitam que todos os alunos sejam atendidos nas suas especificidades, mediando o processo de ensino-aprendizagem.

Um dos aspectos que devem ser trabalhado constantemente com a EJA é a questão de leitura de vida, de mundo, e sua interpretação. Para os alunos dessa Modalidade, a leitura e a interpretação de texto tornam os indivíduos capazes de adquirir conhecimento, pois o hábito da leitura é uma das formas mais importantes para o desenvolvimento do intelecto e também o caminho mais curto para adquirir conhecimento. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam ler revistas, gibis, outras leituras de entretenimento e músicas são tão eficazes quanto ler um livro técnico.

Carleti (2007) pontua que

durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (CARLETI, 2007, p.2).

Por isso, o professor precisa ter a sensibilidade de perceber as dificuldades individuais dos seus educandos para buscar formas de comunicação alternativas e eficazes para cada um, na intenção de colaborar com o processo de aprendizagem.

Assim, Valente (2001) afirma que:

a informática na educação [...] enfatiza o fato de o professor da disciplina curricular ter conhecimento sobre os potenciais educacionais do computador e ser capaz de alternar adequadamente atividades tradicionais de ensino aprendizagem e atividades que usam o computador. (VALENTE, 2001, p. 30)

Neste sentido, trabalhar diferentes metodologias e utilizar recursos didáticos diferenciados são necessários para que os alunos com necessidades especiais aprendam com mais facilidade e gosto pela aprendizagem.

## 1 JUSTIFICATIVA

Trabalhar os mais diversos tipos de textos, livros e letras de música em sala de aula são ótimos recursos didáticos, pois exercita a interpretação de texto,

gramática e pontuação, estimulando a curiosidade por um determinado tema, explorando a percepção musical e sonora dos adultos com necessidades especiais, especificamente, os que apresentam deficiência intelectual e baixa visão.

Sendo assim o projeto subsequente visa utilizar um texto de curiosidades gerais “Por que Temos Sobrenomes” e a música “Gente Tem Sobrenome” (TOQUINHO, 1987) para exercitar a leitura, a interpretação e a escrita. Para atender os educandos com baixa visão, é imprescindível a utilização de recursos da tecnologia, disponível em sala de recurso - computador, Datashow -, como forma de facilitar o acesso comunicativo, bem como propor atividades impressas com letras em tamanho suficiente, que facilitem a execução das mesmas, por todos os alunos.

Os recursos da informática também se constituem em importante ferramenta que pode ser utilizada extensivamente nas atividades da escola e extramuros e funcionam mediante interfaces visuais, sonoras táteis ou com a combinação delas. Os softwares de ampliação de tela permitem ao escolar com baixa visão ter acesso à informática, agindo como uma lupa virtual. Outras opções são os leitores de tela que depois de instalados ficam ativos em memória para dar acesso a outros aplicativos e ao sistema operacional (MORTIMER, 2010, p.221).

Neste sentido, a importância do professor trabalhar com diversos recursos didáticos e possibilitar os alunos o acesso aos diferentes materiais, permite aos alunos maior abrangência e compreensão dos conteúdos desenvolvidos.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Identificar a origem dos sobrenomes, desenvolvendo a interpretação de texto e de música em sala de aula.

## **3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Desenvolver habilidades de leitura e escrita.
- Ler e interpretar texto e música.
- Identificar os nomes, sobrenomes e objetos.
- Produzir frases e textos a partir de palavras.

## **4 PROBLEMATIZAÇÃO**

Como a leitura e a música podem contribuir no desenvolvimento de leitura e interpretação dos alunos na educação especial, especificamente com baixa visão e deficientes intelectuais?

## 5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Para iniciar a atividade os alunos receberão uma folha sulfite e canetinha. Serão orientados a fazer uma dobradura de crachá. De um lado da folha devem escrever o seu nome e no verso do crachá seu sobrenome. Os alunos que tiverem dificuldade devem receber ajuda. Em uma breve introdução perguntar se eles sabem por que as pessoas têm sobrenome.

Os alunos devem ser levados até a sala de informática e dispostos em um semicírculo. Com a utilização do data show será exposto o texto “Por que temos sobrenomes?” (Anexo 1). Devem ser utilizados recursos que aumentem o tamanho da letra para que todos possam acompanhar. A leitura deve ser feita pausadamente pelo professor, em voz alta, com o acompanhamento dos alunos. Após a leitura, deverá ser feita a interpretação do texto oralmente. Aproveitando a sala de informática, o professor poderá fazer pesquisa na internet sobre a origem do sobrenome de cada aluno.

Em seguida, o professor colocará o vídeo com a música “Gente tem sobrenome” (Anexo 2), do Toquinho. Após o vídeo, apresentar a letra da música, utilizando recursos para aumentar a apresentação da mesma, e solicitar para que os alunos façam a leitura da letra, revezando entre eles. Essa leitura deve ser voluntária, dentro das condições de cada aluno. Enfatizar a parte da música que diz “Coisas não tem sobrenome, mas a gente sim” para então retornar à sala de aula para dar início às atividades impressas propostas (Anexo 3).

O professor auxiliará os alunos em suas dificuldades, observando se estão participando e realizando as atividades propostas com o objetivo de mediar, de forma efetiva, no processo de ensino e aprendizagem.

## 6 RECURSOS DIDÁTICOS

- Computador, data show, atividades impressas, folha sulfite, lápis, lápis de cor e canetinha.

## 7 AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada em todos os momentos da aula, visando verificar se os alunos conseguiram: desenvolver habilidades de leitura e escrita; ler e interpretar o texto e a música; identificar e diferenciar na música os nomes e as coisas; produzir frases e textos a partir das palavras retiradas da música; desenvolver atitudes de interação, de colaboração e de troca de experiência em grupo.

## 8 REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf)>. Acesso em 21 de outubro de 2017.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. ES, 2007. Disponível em: <<http://www.univen.edu.br/revista>> Acesso em 21 outubro de 2017.

MAGALHÃES, R. D. **Educação Inclusiva: escolarização, política e formação docente**. Brasília: Liber Livro, 2011.

MORTIMER, R. Recursos de informática para a pessoa com deficiência visual. In: SAMPAIO, M.W. et al. (Org.). **Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan, 2010, p. 221-231.

TOQUINHO. 1987. **Música: Gente Tem Sobrenome**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oT5fhVXzKTs>>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

VALENTE, J. A. Aprendendo para a vida: o uso da informática na educação especial. In. FREIRE, F.M.P.; VALENTE, J.A. (Orgs.). **Aprendendo para a vida: os computadores na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 29-42

## ANEXO 1

ESCOLA \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_



## Por que temos sobrenomes?



**S**ilva, Oliveira, Faria, Ferreira...

Todo mundo tem um sobrenome e temos de agradecer aos romanos por isso. Foi esse povo, que há mais de dois mil anos ergueu um império com a conquista de boa parte das terras banhadas pelo Mediterrâneo, o inventor da moda. Eles tiveram a ideia de juntar ao nome comum, ou prenome (do latim praenomen),

um nome (ou nomen). Por quê? Porque o Império Romano crescia e eles precisavam indicar o clã a que a pessoa pertencia ou o lugar onde tinha nascido.

Com a decadência do Império Romano, essa prática foi se enfraquecendo, até que na Idade Média os sobrenomes caíram em desuso e as pessoas passaram a ser chamadas apenas pelo seu prenome. Eu, por exemplo, seria apenas Raquel nessa época. Que grande confusão isso deveria causar, não é mesmo? Imagine quantas outras pessoas com o nome "Raquel" não deviam existir? Por isso mesmo, os sobrenomes voltaram a ser usados e passaram a ser obrigatórios no século XI. Assim, não tinha mais como confundir uma Raquel Pereira com uma Raquel Valença e isso era muito importante na hora de cobrar impostos das pessoas certas e evitar casamento entre pessoas da mesma família.

Novamente, os sobrenomes não foram inventados do nada. Os homens passaram a escolher sobrenomes que tinham a ver com o seu local de origem – Coimbra é um caso destes - ou para confirmar o parentesco - o sobrenome Fernandes, por exemplo, significa "filho do Fernando". Outros escolheram sobrenomes que se referiam a características físicas e de personalidades, como Louro, Calvo e Severo. Também houve aqueles que adotaram sobrenomes ligados a atividades desenvolvidas pela família, como é o caso de Ferreira que, provavelmente, é uma referência à profissão de ferreiro.

O costume de usar sobrenome se mostrou muito útil, foi se espalhando pela Europa, pelas colônias europeias e, depois, pelo mundo. Hoje não dá mais para imaginar alguém sem sobrenome, está na carteira de identidade, na ficha de preenchimento de matrícula da escola e em tantos outros documentos importantes, é ou não é?

Raquel Teixeira Valença - Fundação Rui Barbosa.



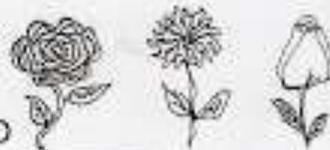
## ANEXO 2

GENTE TEM SOBRENOME  
( TOQUINHO, CANÇÃO DE TODAS AS CRIANÇAS)

TODAS AS COISAS TÊM NOME:  
CASA, JANELA E JARDIM.  
COISAS NÃO TÊM SOBRENOME,  
MAS A GENTE SIM.



TODAS AS FLORES TÊM NOME:  
ROSA, CAMÉLIA E JASMIM  
FLORES NÃO TÊM SOBRENOME,  
MAS A GENTE SIM.



O CHICO É BUARQUE, O CAETANO É VELOSO  
O ARY FOI BARROSO TAMBÉM,  
ENTRE OS QUE SÃO JORGE  
TEM UM JORGE AMADO  
E UM OUTRO QUE É O JORGE BEN.  
QUEM TEM APELIDO  
DEDÉ, ZACHARIAS, MUSSUM E FAFÁ DE BELÉM.



TEM SEMPRE UM NOME  
E DEPOIS DO NOME  
TEM SOBRENOME TAMBÉM.

TODOS OS BRINQUEDOS TÊM NOME:  
BOLA, BONECA E PATINS.  
BRINQUEDOS NÃO TÊM SOBRENOME,  
MAS A GENTE SIM.



COISAS GOSTOSAS TÊM NOME:  
BOLO, MINGAU E PUDIM.  
DOCES NÃO TÊM SOBRENOME,  
MAS A GENTE SIM.

## ANEXO 3

## ATIVIDADE

NA MÚSICA APARECEM NOMES DE VÁRIAS COISAS E PESSOAS.

PINTE DE AMARELO O NOME DAS COISAS.

PINTE DE AZUL O NOME DAS FLORES.

PINTE DE VERMELHO O NOME DAS PESSOAS.

PINTE DE VERDE O NOME DOS BRINQUEDOS.

PINTE DE ROSA O NOME DOS DOCES.

AGORA QUE VOCÊ JÁ PINTOU VAMOS COMPLETAR O QUADRO  
ABAIXO:

COISAS	FLORES	PESSOAS	BRINQUEDOS	DOCES